

**GRANDE SERTÃO: VEREDAS
E A LITERATURA DE CORDEL**

Mark J. Curran
Arizona State University

The object of this essay is to show the fusion of popular and erudite culture in João Guimarães Rosa's *The Devil to Pay in the Backlands*. Many of the folkloric motifs and much of the popular discourse which constitute the heroic cycle of the *literatura de cordel* are expressed in artistic fashion in the novel. Thus, the heroic spirit of the "knight of the backlands", constant in the cycles of the bandit and the valiant backlander in *cordel*, is present in Guimarães Rosa's novel. It is an example of one of the major cultural currents of the twentieth century in Brazil: the sharing of a cultural substratum by both popular and erudite writers.

Obra premiada em concurso promovido pela Fundação Casa de Rui Barbosa, pela Livraria José Olympio Editora e pela Biblioteca Municipal "Orígenes Lessa", de Lençóis Paulista. Rio de Janeiro, 1985.

Dedico este ensaio à memória de Orígenes Lessa, autêntico pioneiro no estudo da literatura de cordel e amigo dos poetas populares do Brasil. Conheci Orígenes em 1966, quando vim, novato, para o Brasil pela primeira vez, para uma estada de pesquisa com a finalidade de escrever uma dissertação sobre o cordel e sua relação com a literatura erudita brasileira. Cedo aprendi que estudos dos mais importantes sobre o assunto eram aqueles do amigo nas revistas Esso e Anhembi de 1955. Também fiquei sabendo que o acervo de folhetos de Orígenes era da mais alta qualidade para o verdadeiro conhecimento do gênero. Bondoso, generoso como sempre foi, deu-me acesso àquele valioso material, não só em 1966, mas também em várias outras oportunidades, quando voltei ao Brasil. Apoiou minhas pesquisas, animou-me em momentos de aflição diante de problemas editoriais, foi meu amigo. Muito obrigado, Orígenes.

Mark J. Curran

1. Guimarães Rosa e os temas da Literatura de Cordel

Muitos críticos e professores de literatura consideram que a obra-prima de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, é o correlativo brasileiro do romance moderno da América Hispânica. O discurso, a estrutura e o efeito estético para o leitor são, sem dúvida alguma, novos. O alcance literário do romance é universal. Pelos seus muitos planos de significação e subseqüentes possibilidades de interpretação, o romance transcende a natureza documentária do tradicional romance regionalista e, em particular, do Romance de 30 do Nordeste.

João Guimarães Rosa contribuiu, antes de tudo, de maneira importante para a inovação e a criação da linguagem como técnica na literatura brasileira. Com certeza, nenhuma

discussão esclarecedora sobre o romance poderia ser conclusiva sem uma consideração meticulosa desse aspecto do talento artístico do autor. Porém, acreditamos que a ênfase dada ao poder criador lingüístico de João Guimarães Rosa tem dominado o estudo do romance em detrimento de uma consideração básica sobre a sua temática. Acreditamos, entretanto, que o conteúdo tanto quanto a forma do romance determinam o seu valor na literatura do século XX do Brasil. Dizemos isto não para dar a um aspecto do romance mais importância do que a outro, mas, pelo contrário, para alcançar um equilíbrio na avaliação da obra. Existem aspectos de *Grande Sertão: Veredas* ainda não examinados, aspectos que são importantes na interpretação e apreciação do alcance literário deste romance de múltiplos planos.

A maior parte das pessoas que já fizeram comentários sobre o romance admite de bom grado suas semelhanças aparentes com a tradição épica e as subseqüentes novelas de cavalaria.¹ Um escritor, pelos menos, já fez comparação entre *Grande Sertão: Veredas* e *Dom Quixote*.² Certamente, uma das referências de Guimarães Rosa é sofisticada e baseada numa leitura vasta da literatura ocidental. Porém, ainda que Manuel Cavalcanti Proença tratasse da épica e das semelhanças episódicas entre a obra de Guimarães Rosa e as novelas de cavalaria, o crítico não considerou o romance como imitação direta dessas, mas como reflexão contemporânea de alguns de seus temas. De mais interesse para nós é o seu reconhecimento dos heróis do romance como heróis aculturados ao sertão.³ O estudioso já familiarizado com o ciclo heróico da literatura de cordel e *Grande Sertão: Veredas* reconhece em Riobaldo, Zé Bebelo, Diadorim e muitos outros a manifestação literária do espírito heróico encontrado nos heróis populares e folclóricos do sertão do norte de Minas, oeste da Bahia e Nordeste adjacente, heróis também registrados na poesia da literatura de cordel. Este ensaio mostrará a semelhança.

Por meio de sua força intelectual, João Guimarães Rosa absorveu e recriou certas realidades do sertão do Brasil. Por isso, a criação artística resultante é produto não só de sua linguagem, mas também de sua experiência na vida, que ele uma vez assim descreveu:

Não é sofisticação nem pose. Detesto os lugares-comuns, as coisas muito íntimas, particulares. A própria língua é demasiadamente sofisticada. A sofisticação é da vida, é do povo. O povo adora estórias de príncipes e de princesas. Quando menino, no sertão de Minas, meus pais costumavam pagar velhas contadeiras de estórias. Elas iam a minha casa só para contar casos. E as velhas, nas puras misturas, me contavam estórias de fadas e de vacas, de bois e de reis. Adorava escutá-las.⁴

Uma vez que Guimarães Rosa não criou Riobaldo e outros heróis de seu romance na base de qualquer pessoa ou figura específica tirada de sua própria experiência, ou de qualquer personagem único da literatura, mas, antes, de uma combinação de todos, ele disse:

Todos os meus personagens existem. São criaturas de Minas: jagunços, vaqueiros, fazendeiros, pactários de Deus e do Diabo, meninos pobres, mulheres belas, moradores do Urucuia e redondezas.⁵

Quando falou de sua literatura, falou do sertão. É fato reconhecido que Guimarães Rosa pesquisou com muito cuidado todos os seus assuntos, que tinha "um olho terrível e uma memória espetacular".⁶ Falando de seu amor pela vida e cultura rural, disse uma vez: "É preciso ambiente. Chamar os caboclos; eles baixam".⁷ Pode-se perceber seu conhecimento da cultura folclórica e popular sertaneja pela escolha dos termos que emprega. Sente-se satisfeito com as lembranças da juventude, as histórias tradicionais do sertão que ouvira das contadeiras e também com a experiência ganha dos anos que passara no estágio de jovem médico no sertão, ao qual voltava freqüentemente para fazer pesquisas. Tudo entrava em seus cadernos. Como ele mesmo disse, "meus cadernos cheiram a suor de cavalo, de boi. Estão impregnados dos cheiros do sertão".⁸ Assim é que a matéria-prima de Guimarães Rosa foi a vida no sertão e os temas baseados na cultura popular e folclórica do mesmo sertão. É esta realidade da terra, que ele conhecia tão bem, que foi

escolhida para ser talhada numa obra-prima universal e transcendente.

É óbvio que o romance é mais do que uma história da política e das guerras sertanejas. Problemas filosóficos básicos tais como a natureza da vida e da morte e a existência do bem e do mal são temas importantes de *Grande Sertão: Veredas*. Esses conceitos abstratos são expressos na narração ou monólogo estilizado de Riobaldo. As idéias abstratas, assim como a realidade que lhes dá existência no romance, correm paralelamente às idênticas idéias e heróis que existem na cultura popular e folclórica do Brasil sertanejo.

Repetimos: esses temas, essas idéias e essas personagens da cultura sertaneja são também vistos na literatura de cordel, por exemplo, a busca da justiça pelo sertanejo num mundo cruel e mau e sua sobrevivência nesse mesmo mundo. Daí, são assuntos de interesse não só para o romancista inovador, mas também para o poeta popular. Os aspectos heróicos desta luta são o assunto tanto de Guimarães Rosa como dos poetas rústicos da poesia popular brasileira. O bem e o mal são fatores integrantes da realidade brasileira vista, por exemplo, na luta para viver no sertão. Riobaldo, afinal, era jagunço que desafiava a vida e a morte nos conflitos do sertão ("Viver é muito perigoso"). Diadorim e outros eram figuras heróicas em busca da justiça e da vingança pela honra perdida. A literatura de cordel também tem sua multidão de jagunços implicados nos conflitos do sertão e de heróis em busca de justiça e vingança.

Para resumir: João Guimarães Rosa inspirou-se, em grande parte de seu romance, numa série de temas tirados da cultura folclórica e popular sertaneja. Modelou estes temas numa obra-mestra por meio da utilização criadora da linguagem. É evidente que pesquisou cuidadosamente e tomou como padrão, parcialmente, as histórias das contadeiras de sua juventude tão bem quanto seu diálogo contínuo com o sertão. Já que estava tão familiarizado com a cultura folclórica e popular sertaneja, cremos que Guimarães Rosa absorveu-a e recriou seus ideais em forma artística em vez de tomar emprestado qualquer aspecto de uma manifestação literária desta mesma cultura popular. Mas é a expressão *total* da realidade sertaneja que João Guimarães Rosa apresenta numa linguagem literária que é espantosamente semelhante à expressão popular do ciclo heróico da literatura

de cordel brasileira. É isto o que nós chamamos *a realidade em comum partilhada pelas duas obras*. Nossa comparação textual de *Grande Sertão: Veredas* com a literatura de cordel – o primeiro, erudito e inovador, a segunda, folclórica e popular – mostrará que as duas expressam a mesma realidade. E é, em parte, esta realidade que faz delas grandes obras de arte, cada uma no seu meio. A relação entre *Grande Sertão: Veredas* e a literatura de cordel, assim, é mais um exemplo do que nós acreditamos ser uma das tendências mais fortes das letras do século XX no Brasil – a influência da literatura popular na literatura erudita.

2. Comparando *Grande Sertão: Veredas* com a Literatura de Cordel

Três categorias ou temas do ciclo heróico do cordel serão empregados como base para a comparação com *Grande Sertão: Veredas*: poesias do herói cangaceiro, poemas do herói valente e os poemas sertanejos baseados no livro *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, a fonte do ciclo carolíngio no sertão. A comparação demonstra os temas importantes partilhados pelas duas obras. Uma vez que essas comparações se explicam por si, os comentários serão restritos a uma introdução limitada ao tema. Devido à natureza da comparação, é preciso que o leitor acompanhe cada elemento, culto e popular, para ver e compreender a sua semelhança e parentesco. Para facilitar a leitura dos exemplos, o número de página da citação do romance aparecerá entre parênteses imediatamente depois da citação, e o título e página do folheto ou romance de cordel aparecerão depois da citação em verso. A ortografia e a pontuação originais da poesia popular se mantêm neste ensaio.

2.1. A situação histórica do sertão

2.1.1. Jagunços e cangaceiros: a falta de um sistema eficaz de leis e a presença da violência

João Guimarães Rosa e os poetas da literatura de cordel se referem em suas obras à mesma situação no sertão, isto é, a uma região caracterizada pela falta de um sistema civil de leis e

justiça. O resultado foi a lei “de facto” e a ordem determinada pela força física. Essa força foi fornecida por grupos de jagunços ou cangaceiros. Essa situação existiu no Vale do São Francisco e no sertão do Nordeste adjacente. A falta de desenvolvimento econômico e a falta subsequente de meios de comunicação como o telégrafo, no começo, e depois de um sistema de boas estradas proporcionaram uma situação na qual por muitos anos jagunços e cangaceiros, não só mercenários, mas também independentes, podiam sobreviver sem sofrer castigo. Por meio de ações evasivas, evitaram a prisão graças ao escasso número de policiais e soldados na região.

No romance de João Guimarães Rosa, os jagunços são representados pelas forças de Joca Ramiro, Medeiro Vaz, Riobaldo e Hermógenes, para citar os mais importantes. No começo, Zé Bebelo se opõe aos jagunços, mas depois torna-se um de seus chefes. Na poesia popular há relatos históricos de grupos de cangaceiros que vêm da época de Jesuíno Brilhante, Lucas da Feira e Cabeleira, seguindo até o bem conhecido Antônio Silvino e o famoso Lampião do passado recente.

Podem-se escolher vários pontos de vista a respeito do jagunço ou cangaceiro: maus, traiçoeiros e sangrentos criminosos que mataram por suas próprias ambições ou protótipos de valentes que vingaram a falta de justiça no sertão. No seu papel de porta-voz do povo, o poeta popular escolhe o segundo ponto de vista, como se espera e é natural. A opinião de João Guimarães Rosa evidentemente é a mesma do poeta popular, porque escolhe como narrador e herói da sua história o mais valente de todos os jagunços, Riobaldo. As comparações seguintes mostram o que acabamos de resumir.

GSV: A violência é epitomada nas guerras dos jagunços:

Mas vieram as guerras e os desmandos de jagunços – tudo era morte e roubo, e desrespeito carnal das mulheres casadas e donzelas, foi impossível qualquer sossego, desde em quando aquele imundo de loucura subiu as serras e se espalhou nos gerais. (36)⁹

LdeC: A mesma situação é descrita, mas no sertão do Nordeste:

O crime, o roubo e a morte
era a lei que havia;
só se falava em bandido
e ninguém não resistia.
Dum lado a bala zoava
do outro o sangue corria.

. . .O pessoal sertanejo
vivia em confusão
só se ouvia falar
em Silvino e Lampião.
Muitos para não morrer
abandonaram o sertão.

(Encontro de Lampião com Antônio Silvino 2,5)

2.1.2. Os coronéis: o poder ligado à falta de leis e ordem no sertão

Com o folclore aprendemos que os jagunços e cangaceiros existiam devido aos ideais de justiça, vingança pessoal ou ao desejo de fazer o bem, quando, na realidade, sua existência se devia a certa espécie mercenária de lei e justiça. Como o governo nacional não possuía meios para impor a justiça nas regiões distantes do país, chefes políticos regionais, chamados coronéis devido às patentes, regulares e irregulares, recebidas do governo, mantinham seu próprio estilo de justiça na região que controlavam. À parte dos cabras que serviam como “polícias” e guarda-costas dos coronéis, as empresas mais importantes requeriam forças maiores.¹⁰ Assim é que quando os coronéis faziam guerra entre si, em virtude das disputas nascidas do desejo de mais terras e poder, recrutavam a ajuda armada dos grupos de jagunços que surgiam no sertão. Os jagunços eram pagos pelos seus serviços em dinheiro ou abastecimentos, ou recebiam a proteção do coronel contra algum inimigo. Em troca, eram generosos, fiéis à palavra dada e

fanáticos no respeito aos acordos feitos. Assim era a relação, por exemplo, entre os Guabirabas da Paraíba e seus protetores políticos, os Dantas, de Teixeira, que eram proprietários ricos, poderosos e autocráticos.¹¹ Esta mesma relação entre o jagunço e o proprietário-coronel é vista no romance de João Guimarães Rosa e na poesia popular.

GSV: Riobaldo fala dos jagunços empregados pelos políticos que conheciam Selorico Mendes:

Alarico Totôe sendo um fazendeiro do Grão-Mogol, conhecido de meu padrinho. Ele, com seu irmão Aluiz Totôe, pessoas finas, gente de bem. Tinham encomendado o auxílio amigo dos jagunços, por uma questão política, logo entendi. (91)

GSV: Ricardão lembra aos outros jagunços suas dívidas políticas com os coronéis da região:

Relembro também que a responsabilidade nossa está valendo: respeitante ao seu Sul de Oliveira, doutor Marabô de Melo, o velho Nico Estácio, compadre Nhô Lajes e coronel Caetano Cordeiro . . . (204)

LdeC: O poeta descreve a chegada do cangaceiro Lampião e sua força ao Estado da Paraíba para ajudar nas guerras políticas:

Foi muito bem recebido
por toda a população,
com abraços e festejos,
por vê nele a solução
para os desmandos políticos
que haviam no sertão.

Pela família dos Dantas,
o povo era maltratado,
num regime de horror,
mais a mais sobressaltado,

sem encontrar proteção,
quase, quase, escravizado.

(*Os Cabras de Lampião* 17)

2.1.3. Soldados e comitês de vigilância: a força para remediar a falta de leis, um mal em si

Para proteger seus próprios interesses e combater os jagunços, de certo modo criados por eles mesmos, cujo poder paulatinamente crescera, os coronéis arranjaram forças diversas, como destacamentos de polícia ou soldados das guarnições nas capitais estaduais, que geralmente ficavam distantes do sertão, além de vigilantes civis. Segundo o folclore, os métodos desses grupos muitas vezes eram mais violentos e dilacerantes do que os dos próprios jagunços. Geralmente, quem sofreu mais foi o povo inocente. Segundo a tradição popular, a ameaça de tortura física e o uso de chantagem eram os meios empregados para conseguir informações dos coiteiros, os que ajudavam os jagunços, ou dos circunstantes que talvez vissem ou ouvissem falar da presença de jagunços na região.

Os romances nordestinos do fim da década de 20 e da década de 30, que tratam do cangaço, geralmente versam sobre essa situação, e *Coiteiros* de José Américo de Almeida tem como tema a relação existente entre cangaceiros e coiteiros. No famoso *Fogo Morto*, José Lins do Rego retrata o Tenente Maurício e os outros soldados como tão malévolos e cruéis quanto os cangaceiros que perseguiam. Faz lembrar uma cena onde um cego, Torquato, é interrogado e surrado pela polícia na busca ao cangaceiro Antônio Silvino. Nem mesmo o Capitão Vitorino evita a suspeita da polícia vigilante. Ao concluir a leitura do romance, o leitor tem muita dificuldade em decidir quem é pior, os cangaceiros ou a polícia. A mesma atitude se vê em *Vidas Secas* e *Seara Vermelha*. Assim é que, de uma maneira ou outra, o simples cidadão é envolvido no triângulo de violência no sertão: coronel, jagunço e soldado. Este é o ambiente para as histórias heróicas de *Grande Sertão: Veredas* e uma parte significativa da poesia popular.

GSV: Riobaldo fala dos soldados que perseguem os jagunços:

E pois demore o senhor para o pior: o que veio em sobre!: os soldados do Governo. / . . . / E veio depois, com muitos mais outros, um capitão Carvalhais, maior da marca, esse bebia café em cuitê e cuspiam pimenta com pólvora. Sofremos, rolamos por aí aqui, se rolou. (230)

LdeC: O poeta popular assim se refere à violência entre cangaceiros e "polícias":

Dum lado estava a polícia,
vigiando noite e dia,
prendendo e interrogando
da maneira que queria,
do outro lado os bandidos
ou dava tudo ou morria.

Como Antônio havia outros,
na mesma situação,
sofrendo pela polícia,
a maior perseguição
e do outro lado o medo
dos cabras de Lampião.

(Os Cabras de Lampião 49)

2.2. O herói (jagunço, cangaceiro, valente): sua razão de ser

Muitas vezes, o derramamento de sangue e a matança provocam o desagrado, embora façam parte do código do comportamento do herói que admira a força física e a valentia no homem, especialmente na guerra. Por que, então, segue na luta, uma vez que sabe que "Viver é muito perigoso"? Não há uma resposta completa, mas, depois de uma consideração cuidadosa dos heróis do romance e da poesia popular, nós, sim, chegamos

a uma conclusão geral. O herói, basicamente, acredita que existe uma falta de justiça no sertão. Por uma razão ou outra, a guerra existe por essa falta de justiça. O herói deseja a justiça e a paz que ele crê que virá com ela, mas tem de lutar para consegui-la. Portanto, o jagunço ou o cangaceiro podem apresentar motivos diferentes, mas ambos têm sua razão de ser no desejo de conseguir a justiça ou de agir em benefício do sertão. Há paralelos entre os heróis do romance e a poesia popular, mas, como vai ser visto, há também diferenças.

A respeito dos heróis de *Grande Sertão: Veredas*, vêem-se motivos diferentes em cada um dos chefes-jagunços: em sua missão de justiça, Joca Ramiro era capaz de conquistar liderança no sertão e fornecer-lhe um sistema eficaz de leis; Medeiro Vaz queimou todos os haveres e saiu para impor a justiça, com o objetivo de liquidar o mau Judas que matara Joca Ramiro; o desejo de Zé Bebelo pela justiça e pela vingança estava manchado pela ambição pessoal, mas, mesmo assim, queria um sertão livre de violência onde reinaria o progresso, e Riobaldo lutou com o idealismo do guerreiro para erradicar o mal e impor a paz.

Os heróis da literatura de cordel são menos complicados, mais individuais e menos coletivos na sua motivação. O valente, por exemplo, quer eliminar um mal específico, esse do coronel que faz males horríveis. Ao derrotar o coronel, o herói mostra mais valentia e impõe a justiça de vez. No ciclo do cangaceiro na poesia popular, os dois mais conhecidos, Antônio Silvino e Lampião, sustentam que a causa de serem eles cangaceiros é a injustiça. Pretendem impor seu próprio estilo de justiça no sertão, mesmo que seja pela violência. Por isso, existe entre eles e Medeiro Vaz um verdadeiro paralelo, coisa que também existe entre Zé Bebelo e Jerônimo, o protagonista valente do folheto *Jerônimo, o Grande Herói do Sertão*.

GSV: Zé Bebelo fala de sua missão:

O fim de tudo, que seria: romper em peito de bando e bando, acabar com eles, liquidar com os jagunços, até o último, relimpar o mundo da jagunçada braba. (101)

LdeC: O herói Jerônimo conta a sua missão de libertar o sertão:

Já que a lei do cangaço
é a maior da nação,
serei da mesma corrente
porém em perseguição
dos bandidos miseráveis
que atemoriza o sertão.

. . . e disse: cabras, conheçam
que eu liberto o sertão.
(6, 19)

GSV: Riobaldo descreve a missão de Medeiro Vaz:

Daí, relimpo de tudo, escorrido dono de si, ele
montou em ginete, com cachos d'armas, reuniu
chusma de gente corajada, rapaziagem dos campos,
e saiu por esse rumo em roda, para impor a
justiça. (37)

LdeC: Antônio Silvino descreve suas razões de ser cangaceiro:

Para punir esse crime
ninguém se apresentou;
a justiça do lugar
também não se interessou;
aos bandidos a polícia
parece que auxiliou.

. . . E eu que vi a justiça
mostrar-se de fora à parte,
murmurei com meus botões:
– Também hei de arrumar-te!
Não quero código melhor
do que seja o bacamarte.

(História Completa de Antônio Silvino 9)

O ponto de vista do herói a respeito da vingança está ligado à sua missão de justiça. Muitas vezes, a justiça e a vingança são a mesma coisa. Nas duas obras sob consideração, os atos que requerem a vingança são geralmente maus, por isso, em um sentido, a justiça é imposta por meio da vingança. A busca da justiça por Diadorim foi causada não pela morte na guerra, mas pelo ataque traiçoeiro dos Judas a Joca Ramiro. Por viver segundo o código do sertão, Diadorim não pôde menos do que vingar-se, ou ficaria para sempre desconsiderado.

GSV: Riobaldo explica os sentimentos de Diadorim:

Até que viesse a poder vingar o histórico de seu pai, ele tresvariava. / . . . / Diadorim só falava nos extremos do assunto. Matar, matar, sangue manda sangue. (26)

LdeC: Antônio Silvino torna-se cangaceiro pelo desejo de vingar a morte de seu pai:

Não foi tanto por instinto
mas sim por uma vingança,
porque mataram meu pai,
minha única esperança,
e eu vingar sua morte
para mim era uma herança.

(O Interrogatório de Antônio Silvino 4)

Além desses ideais de justiça e vingança, existe o desejo de punir crimes ou males específicos. Sob a aplicação desses ideais existe uma certa postura moral, a mesma para o jagunço e o cangaceiro. Se pudesse reduzir aos mais importantes os possíveis males, dois se destacariam: o homicídio e a desonra de moças ou mulheres inocentes. Um exemplo famoso desse crime é o caso do escravo feito cangaceiro Lucas da Feira, que ficou famoso por matar famílias inteiras ou por carregar moças e mulheres para depois violá-las e matá-las à sua conveniência.¹²

Riobaldo em GSV e Antônio Silvino na LdeC matam somente com boas razões, sob tiroteio intenso ou em defesa

própria. Os dois se orgulham do seu respeito pelas mulheres. É o Judas no romance ou o mau coronel ou seu cabra quem comete atos hediondos. A justiça do sertanejo é rápida e letal quando o mal se descobre. O herói jagunço ou cangaceiro requer castigo de morte pela traição ou homicídio e exige casamento para o infrator que desonra a moça inocente. Um dos mais famosos dessa estirpe foi Jesuíno Brilhante do Rio Grande do Norte. Aparecia em cidades pequenas ou fazendas e obrigava o filho rico do coronel a casar-se com a pobre moça cuja inocência tinha roubado. Usava até o termo padrinho ao referir-se a sua relação com a menina protegida. Muitas vezes consolava o malfeitor: "Tome conta direitinho da minha afilhada".¹³

GSV: Falando da traição e assassinio de Joca Ramiro pelos Judas e, em particular, do mau Hermógenes:

Ele gostava de matar, por seu miúdo regozijo. (132)

LdeC: Um grande proprietário ruim é descrito pelo poeta:

Tinha o caráter de Judas,
nunca sorriu com ninguém
e era mais orgulhoso
mesmo do que Pedro Cem.
Misericórdia na vida
nunca teve de alguém.

(O Encontro de Dois Errados 2)

GSV: Riobaldo descreve a conduta má de alguns dos jagunços:

Ao que contavam casos de mocinhas ensinadas por eles, aproveitavelmente, de seguida, em horas safadas. (133)

LdeC: O poeta descreve os atos luxuriosos de um fazendeiro cruel:

Era infeliz a virgem
que ele se agradasse dela
porque mandava buscar
a desditosa donzela
e os pais não tinham força
com que defendessem ela.

(*O Encontro de Dois Errados* 4)

2.3. Descrição do herói

2.3.1. Uma visão geral

O jagunço, o cangaceiro ou o valente têm muitas semelhanças porque são os heróis do sertão e se identificam com a imagem variada do heróico que têm os sertanejos desde muito tempo. Seu ponto de vista se formou na tradição e se transformou nas circunstâncias. O herói tradicional é visto no romance oral que vem de geração a geração desde a época dos colonizadores, nas adaptações poéticas do livro *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, e nos outros ciclos heróicos da literatura de cordel.¹⁴ No entanto, cada herói é diferente. Cada um dos heróis de *Grande Sertão: Veredas* possui um ou mais atributos que atraem para ele a admiração de todos. Também possui defeitos como a soberba, por exemplo. No romance, Riobaldo não cansa de declarar sua admiração por certos chefes jagunços, seus próprios atributos e o que, em geral, os jagunços gostam de ver em um homem. Só Candelário foi admirado por seus ideais de justiça e honra. Marcelino Pampa foi o epítome da experiência e bom conselho. Joca Ramiro foi grande devido a sua influência. A inteligência, a valentia e a lealdade são outras virtudes demonstradas pelos jagunços no romance. Ao mesmo tempo, um resumo dos muitos folhetos e romances do ciclo dos cangaceiros da poesia popular revela um paralelo bem estreito entre os heróis do romance e as qualidades combinadas de Antônio Silvino e Lampião. Vez por outra são retratados como homens de coragem e liderança, de responsabilidade, de grandes sentimentos fraternais com os cabras que, em troca, respeitam devidamente o chefe, exercem justiça rápida, isto é, de vingança e morte àqueles

que forem desleais à amizade, respeitam mulheres e moças e, finalmente, são homens generosos, religiosos e honrados.¹⁵

É evidente que João Guimarães Rosa foi capaz de aplicar uma imagem do herói em várias personagens diferentes para chegar a um retrato de dimensões épicas, que é a hierarquia dos jagunços no romance. É também evidente que o poeta popular, como representante do povo, age do mesmo modo em seus romances. Uma visão geral, pois, do herói poderia ser a seguinte descrição dos muitos atributos de Zé Bebelô, seguida pelos versos do poeta popular em que o herói é apresentado sob a ótica do sertão.

GSV: Riobaldo fala dos muitos atributos de Zé Bebelô:

Atirava e tanto com qualquer quilate de arma, sempre certa a pontaria, lançava e campeava feito um todo vaqueiro, amansava animal de maior brabeza – burro grande ou cavalo; duelava de faca, nos espíritos solertes de onça acuada, sem parar de pôr; e medo, ou cada parente de medo, ele cuspiu em riba e: desconhecia. (101)

LdeC: O poeta faz sumário do homem que é louvado no sertão:

Ali se aprecia muito
um cantador, um vaqueiro,
um amansador de poldro
que seja bem catigueiro,
um homem que mata onça
ou então um cangaceiro.

(História Completa de Antônio Silvino 8)

2.3.2. Aspectos específicos

2.3.2.1. Nomes e epítetos

Como heróis, os jagunços e cangaceiros foram objeto da mudança de nomes e do costume de aplicar epítetos para

descrever talentos extraordinários. É óbvio que isto vem da tradição épica, mas, em nosso contexto, é uma parte da cultura do sertão observada nos ciclos heróicos da literatura de cordel.

GSV: Estes são exemplos dos nomes e epítetos associados aos jagunços:

O menino, Reinaldo, Diadorim, Diadorina; Riobaldo, Cerzidor, Tatarana, Urutu-Branco; Ricardão e Hermógenes, os Judas; Joca Ramiro, Rei da Natureza; Medeiro Vaz, Rei dos Gerais; Riobaldo, Rei do Sertão.

LdeC: Segue-se uma série de epítetos encontrados no ciclo do cangaceiro da poesia popular, acompanhada de nomes e epítetos do ciclo do valente:

Antônio Silvino: o Leão do Norte, o Rifle de Ouro, o Governador do Sertão, o Mestre de Morte, o Grande Rei do Cangaço. Lampião: o Galo Cego, o Terror do Norte, o Interventor do Sertão. O Valente Vilela, o Valente Cascavel, o Terror da Região, a Fera do Sertão, o Grande Herói do Sertão, Jerônimo Lutador, o Aventureiro do Norte, a Fera da Travessia e o Rei dos Vaqueiros.

2.3.2.2. Pontaria certa

O herói tem que ser um perito no tiro ao alvo, já que o rifle é a arma mais utilizada pelo jagunço ou cangaceiro. Isto é verdade apesar de ser o duelo a faca que determina o resultado da luta corpo-a-corpo. O famoso papo-amarelo ou rifle *Winchester* teve um papel importante no sertão de Minas, da Bahia e nas lutas nordestinas no sertão. É por isso que Antônio Silvino é o “rifle de ouro” em muitos poemas. O jagunço ou cangaceiro às vezes fica famoso por sua pontaria certa e, por isso, existem nomes como “Lagarta-de-Fogo” de Riobaldo e “Lampião”. O talento é reconhecido quando Riobaldo é premiado com um rifle.

GSV: Riobaldo é o epítome do jagunço bom no tiro ao alvo:

Corta aquele risco Tatarana! – me aprovavam. Se cortasse? Nunca errei. (131)

LdeC: Na poesia popular, Antônio Silvino faz o mesmo papel de Riobaldo quando diz:

Preparo meus cachorrinhos
e grito: rapazeada,
defuncto é minha lavoura.
Esse rifle é minha enxada,
a chuva é esse facão.
Eu sou filho do sertão,
nunca errei uma caçada.

(Os Cálculos de Antônio Silvino s.p.)

2.3.2.3. Admiração da valentia e seus prêmios

Uma vez que a guerra era um modo de vida, para enfrentá-la e sobreviver eram necessárias certas qualidades. Das que eram intangíveis, a valentia era a mais respeitada; era exigida do jagunço ou cangaceiro, mas também era premiada com o maior prêmio: a vida mesma. Juntamente com o desejo da justiça e a obrigação da vingança, o respeito à valentia ficou entre os princípios mais exigentes e severos do herói sertanejo.

GSV: Porque lutou bem e seguiu o código, Zé Bebelo foi premiado pela valentia. Recebeu o exílio em vez da morte e foi aceito imediatamente como chefe da missão dos jagunços para vingar-se dos Judas, isto é, assim como foram cumpridos os termos do seu exílio.

LdeC: Antônio Silvino poupa a vida de um de seus mais famosos e difíceis adversários que lutara bravamente:

Então, Alfredo Chianna
vinte vezes me atirou;
e acabando a munição
da casa a porta trancou;
arrombei-lhe uma janella;
e elle a mim se entregou!

Não offendi ao Chianna
porque me admirei
de sua grande coragem.
Quando em sua casa entrei
dei-lhe um abraço apertado
e amigo d'elle fiquei!

(*A História de Antônio Silvino, Novos Assaltos 3*)

2.3.2.4. Atitude frente à adversidade

Quando o herói se encontra frente à adversidade, em particular diante de um perigo inesperado, ele os encara como um aspecto necessário da vida e se resigna ao desafio. Esta atitude estoica relaciona-se com o seu ponto de vista sobre o bem e o mal no mundo, idéia a ser discutida mais adiante neste ensaio. O desconhecido e o mistério se explicam simplesmente pela declaração de que eles existem, e que a fortuna é responsável por eles. O herói acredita que, para vencer esse destino, tornam-se necessários atos de valentia. Essa visão da adversidade se completa em *Grande Sertão: Veredas*.

GSV: Riobaldo fala da vida:

A vida é muito discordada. Tem partes. Tem artes.
Tem as neblinas de Siruiz. Tem as caras do Cão, e
as vertentes do viver. (381)

LdeC: O herói do famoso poema História de Mariquinha e José de Souza Leão fala da vida:

José lhe disse: meu velho,
isto depende da sorte.

O homem para viver
precisa que seja forte,
não tema revolução
e se houver precisão
troque a vida pela morte. (2)

2.3.2.5. O amor

Ainda que o romance de João Guimarães Rosa seja bem mais complexo do que os poemas da literatura de cordel, existem certos paralelos na maneira de tratar o tema do amor. Antes de tudo, o tema do suspeito amor homossexual na mente de Riobaldo está complicado pela sua relação ao tema da "donzela guerreira", como parte do enredo feito com o mais alto sentido de delicadeza e arte pelo autor erudito. (A relação será vista mais adiante neste ensaio.)¹⁶ Mas tanto o amor físico entre jagunço e prostituta, no caso de Riobaldo e Nhorinhá, quanto o amor tradicional do herói e a filha do fazendeiro, no caso de Riobaldo e Otacília, estão presentes na literatura de cordel. O segundo caso é especialmente digno de nota porque identifica uma situação predominante e requer uma explicação, desde que reflete costumes sociais e é a base para uma importante variação do tema num grande ciclo da poesia popular, aqueles poemas que tratam do valente.

No ciclo do valente na poesia popular do cordel, a protagonista heróica é geralmente a filha do mau mas forte dono de fazenda, chamado dono, capitão ou coronel. O herói chega à fazenda, procura e consegue emprego de vaqueiro e, depois de conhecer a filha do patrão, se apaixona por ela. Porém, o dono e pai não aceitará, nem pode aceitar, o herói como um possível genro que não se mostre igual ou maior do que ele em valentia. Em virtude desse clima de oposição, há um intercâmbio de cartas clandestinas entre o herói e a heroína e, no fim, os dois fogem. O pai manda que os cabras alcancem os amantes, e segue-se uma luta crucial. Depois de subjugar os cabras e o pai, o herói é aceito por este, se casa com a filha e herda a fazenda. Este tema e suas variações são, quase sempre, repetidos no ciclo do valente da literatura de cordel e, paralelamente, na história de Riobaldo e Otacília no romance.

GSV: O fazendeiro não deixa que a filha seja prometida ao herói, nesse caso um jagunço. Riobaldo tem medo da decisão do pai de Otacília:

Só um vexame, de minha extração e da minha pessoa: a certeza de que o pai dela nunca havia de conceder o casamento, nem tolerar meu remarcado de jagunço, entalado na perdição, sem honradez costumeira. (310)

LdeC: Este tema é freqüente em muitos poemas do ciclo do valente. O fazendeiro fomenta o conflito por não permitir nenhuma relação, muito menos o casamento, entre a filha e o valente.

GSV: Quando o pai é completamente inflexível em sua oposição, o herói tem só um recurso: fugir com a moça. Riobaldo pensa nessa possibilidade e na idéia de escrever uma carta a Otacília, pedindo-lhe que fuja com ele:

[. . .] ela Otacília pudesse praticar o estouvamento gentil de se fugir de casa e vir aventurada em minha cata, por todos os pousos deste sertão /. . ./ Ah, ela vinha, montada num bom cavalo corcel, aparecia de repente, por meu nome perguntando. E eu declarava a grandeza real dela, definida bem do meu lado, na frente do grande bando de meus homens. (369)

LdeC: É fato constante dos romances de heróis valentes de cordel, mas um caso bem parecido e ainda mais famoso é quando Lampião pede que Maria Bonita deixe tudo para fugir com ele:

Depois ele perguntou:
tu queres fugir comigo?
Querendo pode aprontar-se
sem temer nenhum perigo,

que te levo na garupa
deste meu cavalo amigo.

(*A Morte de Lampião ou a Vingança de Corisco* 20)

2.3.2.6. A capacidade de compaixão

É conveniente encerrar estas considerações a respeito da descrição do herói com a retomada de um aspecto mais sensível de seu caráter. É irônico que, em meio à violência e morte no sertão, haja lugar para o sentimento. Nesse ponto, a literatura de cordel é um reflexo de uma fonte famosa, as histórias de Carlos Magno e Rolando. O livro em prosa *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França* sempre foi importante nas pequenas coleções de livros no sertão. Teve tanto sucesso que, ao lado de *O Lunário Perpétuo* e *Missão Abreviada*, ficou como parte integrante da cultura sertaneja.¹⁷ Há um ciclo na literatura de cordel em que as histórias em prosa de Carlos Magno e os doze pares são transpostas à poesia. Na poesia popular, o mais famoso relato da cena de tristeza de Carlos Magno, depois da morte de Rolando, é baseado diretamente no livro. Essa mesma capacidade de compaixão está presente no jagunço ou cangaceiro depois da morte de um companheiro guerreiro que é, ao mesmo tempo, um herói e querido amigo.

GSV: No momento da morte de Diadorim, Riobaldo e seus jagunços choram por ela:

Recai no marco do sofrer. Em real me vi, que com a
Mulher junto abraçado, nós dois chorávamos exten-
so. E todos meus jagunços decididos choravam.
Daí fomos, e em sepultura deixamos, no cemitério
do Paredão enterrada, em campo do sertão. (454)

LdeC: Antônio Silvino chora por seus amigos guerreiros:

Eu choro a falta que faz-me
todos os meus companheiros,
qual Carlos Magno chorou

por seus doze cavaleiros.
Nada me faz distrair,
não deixarei de sentir
a morte dos cangaceiros.

(As Lágrimas de Antônio Silvino por Tempestade 7)

LdeC: Carlos Magno expressa o mesmo sentimento de tristeza e dor quando lamenta a morte de Rolando nesta versão sertaneja da história:

Oh! meu nobre cavaleiro,
tua morte deixou-me triste
para que hoje viver
com dores que não resiste
sem ti, meu caro Roldão,
jamais a vida persiste.

. . . Os dias que eu viver
nesta miserável vida
gastarei-os em contínuo
chorar tua partida;
talvez que breve também
eu termine a minha vida.

(A Morte dos Doze Pares de França 24, 25)

2.4. O herói em batalha

2.4.1. Nomes das forças adversárias

Ao seguir a tradição heróica da poesia épica de *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, dos subseqüentes folhetos derivados do livro e da tradição heróica da literatura de cordel, o poeta popular designa os homens sob o comando do chefe. Faz isto, geralmente, como prelúdio à batalha. Às vezes, o faz rigorosamente pelo nome; outras, pelo nome e apelido e, ainda, pelo nome, apelido e uma curta descrição do atributo destacado do homem. Esta técnica se presta à descrição de grupos médios ou grandes de jagunços ou

cangaceiros, como aqueles de Antônio Silvino ou Lampião. Muitas vezes há a apresentação de uma hierarquia segundo a importância do jagunço, como na poesia épica tradicional.

A descrição dos grupos de jagunços no romance corresponde muito aos padrões seguidos pelo poeta popular. Há um padrão hierárquico com uma certa tendência a respeitar o lugar do jagunço no grupo e, também, um padrão mais simples que carece de hierarquia.

GSV: Riobaldo descreve o grupo sob a chefia de Zé Bebelô; somente fala dos jagunços importantes, mas em uma ordem flexível e decrescente a respeito de seu papel no romance:

Zé Bebelô, nosso chefe, indo à frente, e que não sediava folga nem cansaço; o Reinaldo – que era Diadorim: sabendo deste, o senhor sabe minha vida; o Alaripe, que era de ferro e de ouro, e de carne e osso, e de minha melhor estimação; Marcelino Pampa, segundo em chefe, cumpridor de tudo e senhor de muito respeito [. . .]. (242)

LdeC: Os homens de Lampião são descritos numa ordem decrescente de importância quando estão em Juazeiro em 1926:

Bote em primeiro lugar
o mano Antônio Ferreira
que desde o ano de quinze
enganchou a bandoleira
e até a data presente
tem vivido unicamente
do rifle e da cartucheira.

Depois disso tem Sabino
que é um peito de aço
do sertão paraibano,
bicho feito no cangaço
briga tão desassombrado

que quasi todo soldado
teme o peso do seu braço.

(*Visita de Lampião a Juazeiro no Ano de 1926* 10)

GSV: Descreve o autor os homens e seus atributos, mas sem nenhuma ordem lógica:

Capixum – caboclo sereno, viajado, filho dos gerais de São Felipe; Fonfredo – que cantava todas as rezas de padre / . . ./ Sesfredo / . . ./ o Testa-em-Pé / . . ./, o Paspé. (134)

LdeC: O poeta descreve os membros menos importantes do grupo de Lampião, mas sem qualquer referência a seu lugar no grupo:

Acostado a Lampião
vinha o célebre Caratuja.
Mais atrás vinha Peitica,
com ele vinha Coruja;
também vinha Patativa
já trazia a faca suja.

(*Lampião na Bahia* 3)

2.4.1.2. Descrição das armas

Lembrando a tradição heróica na poesia, João Guimarães Rosa descreve com muitos detalhes as armas de seus heróis. A literatura de cordel comparte esse costume tradicional quando, por exemplo, tanto o valente como o cangaceiro descrevem a quantidade e a qualidade de suas armas. Este aspecto da poesia popular é especialmente agradável aos editores da literatura de cordel que utilizam xilogravuras nas capas dos romances ou histórias para retratar em tamanho exagerado as armas do herói, o facão, as cartucheiras e o revólver ou o rifle.

GSV: Riobaldo descreve suas próprias armas:

Sobre o fato, para de mim não desaprenderem, não se esquecerem, eu pegava o rifle – tive rifle de winchester, até, de quatorze tiros – e dava gala de entremez. Para rebater, reproduzia tudo a revólver [...] Social eu andava com minhas cartucheiras triplas, só que atochadas sempre. Ao que, me gabavam e louvavam, então eu esbarrava sossegado. (131)

LdeC: O poeta descreve Lampião, suas armas, seu cavalo e seu lenço:

A frente de cabroeira
vinha o célebre Lampião
de barbicacho passado
e o parabélem na mão.
Trazia quatro bornais
repletos de munição.

... Trazia 3 cartucheiras,
muitas balas no fuzil,
montado num bom cavalo
tendo o nome de anil,
um grande lenço de seda
tendo as cores do Brasil.

(Lampião na Bahia 2)

2.4.1.3. O duelo a faca: a maior prova

A descrição da guerra no romance e na poesia popular é significativa. O talento com que João Guimarães Rosa desenha as cenas de batalhas e, em particular, a luta final entre os Judas e a força de Riobaldo dá um toque de realismo ao romance. Em outro sentido, a luta final entre as forças do bem e do mal é um clímax necessário e apropriado à missão heróica de justiça e vingança. Ao cumprir-se o código ou credo do jagunço, revela-se que João Guimarães Rosa tem conhecimento da cultura popular

e das lutas no sertão de Minas Gerais e outras partes do sertão. Quase exclusivamente no ciclo do valente e muitas vezes no ciclo do cangaceiro, o duelo a faca determina o resultado da luta entre o bem e o mal.¹⁸ Há um combate preliminar com os revólveres ou rifles, mas o combate corpo-a-corpo com as facas determina a força verdadeira (o caráter?) do indivíduo. É interessante notar que, apesar de apelidos e epítetos como Lampião ou “o Rifle de Ouro”, Lampião e Antônio Silvino no fim têm de vencer os inimigos com as facas. A adaptação do duelo a faca ao tema do romance por Guimarães Rosa faz dele um símbolo, a luta do indivíduo contra o mal e as manifestações do mal na vida.

GSV: A missão de Diadorim, em busca de justiça e vingança, determina a necessidade e o estilo ou método do duelo final:

Diadorim era assim: matar, se matava – era para ser um preparo. O judas algum? – na faca! Tinha de ser nosso costume. (31)

LdeC: Em um dos mais conhecidos poemas da poesia popular, o herói Vilela enfrenta o maior inimigo numa luta até a morte:

Deixaram as armas de fogo,
cada qual o mais ligeiro.
Os dois homens se travaram
em luta pelo terreiro;
os punhais davam faíscas
que só forja o ferreiro.

(O Valente Vilela 13)

GSV: A cena do julgamento e o discurso de Só Candelário indicam o mesmo hábito:

Só quero pergunta: se ele convém em nós dois resolvermos isto à faca! Pergunto para briga de duelo

/.../ É o que acho! Carece mais de discussão não
/.../ Zé Bebelo e eu – nós dois, na faca! (202)

LdeC: O herói Zé Garcia, depois de derrotar dois inimigos menores, enfrenta o mais forte:

Então disse Zé Garcia:
ouça outra confissão.
Eu tinha 3 inimigos,
2 estão mortos no chão.
Agora só resta um,
segure o punhal na mão.

(História do Valente Sertanejo Zé Garcia 39)

2.5. O herói: para ser lembrado

2.5.1. Proezas heróicas: glória, fama e louvor poético

A tradição heróica é baseada nas proezas do homem. Também requer alguém para contar os feitos dos heróis. No sertão, o dever de decidir o que merece louvor muitas vezes fica com o poeta folclórico no seu papel de representante do povo, a pessoa que assimila as crenças do povo e as verbaliza. Quando um escritor culto encarrega-se de empregar tais assuntos, recria ou adapta o que veio antes dele. Esse é o caso de Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*, seu poema em prosa. Há acontecimentos e proezas específicos que, segundo João Guimarães Rosa, merecem ser cantados, ser lembrados pelo povo, acontecimentos assinalados no romance. Estes mesmos eventos correspondem aos feitos no ciclo heróico da literatura de cordel.

GSV: Riobaldo fala da reputação de Zé Bebelo de ser um homem justo:

E desse caso derivaram também uma boa cantiga violeira. (66)

GSV: O julgamento de Zé Bebelo tornar-se-á eterno graças aos poetas:

Seja a fama de glória. / . . . / Todo o mundo vai falar nisso, por muitos anos, louvando a honra da gente, por muitas partes e lugares. Hão de botar verso em feira, assunto de sair divulgado em jornal de cidade [. . .]. (210)

LdeC: A própria existência da literatura de cordel é exemplo da realidade heróica da qual fala Guimarães Rosa no romance: os ciclos do valente e do cangaceiro consistem em proezas verdadeiras e imaginadas, expressas em verso por poetas folclóricos e populares, cantadas ou declamadas nas feiras do sertão e transformadas, com o passar do tempo, numa parte essencial da cultura do povo.

2.5.2: O herói-cantador de romances

Ligada à parte precedente é a personagem literária do jagunço que compõe e canta romances heróicos. Embora personagem de menos importância no romance, Siruiz é significativo, em virtude dos romances que canta, da influência que exerce sobre Riobaldo e do ambiente heróico que cria no romance. Tem um paralelo na cultura popular, precisamente o cangaceiro que improvisa verso e canta romances. Segundo a cultura folclórica e popular, cangaceiros famosos como Lampião e Rio Preto compuseram e cantaram suas próprias proezas. A versão popular de *Mulher Rendeira* já foi atribuída diretamente a Lampião. Por isso, vê-se que o herói-cantador do romance tradicional tem correlativo tanto na literatura culta como na popular do Brasil. É interessante ver que Riobaldo esforça-se para contar sua própria história na forma de um romance semelhante àqueles que se chamam ABC, as histórias biográficas ou autobiográficas dos heróis da literatura de cordel. Um exemplo é o ABC de *Jesuíno Brilhante*.¹⁹

GSV: Riobaldo é inspirado a criar seu próprio ABC diante da influência de Siruiz:

Somente quis, nem podia dizer aos outros o que queria, somente então uns versos dei, que se puxaram, os meus, seguintes:

Hei-de às armas, fechei trato
nas Veredas com o Cão.
Hei-de amor em seus destinos
conforme o sim pelo não.

Em tempos de vaquejada
todo gado é barbatão:
deu doideira na boiada,
soltaram o Rei do Sertão [. . .].

Travessia dos Gerais,
tudo com armas na mão. . .
O Sertão é a sombra minha
e o rei dele é Capitão! . . . (350)

LdeC: Segundo a cultura popular, o cangaceiro Lampião compôs poemas sobre suas proezas e mandou divulgá-los no sertão como propaganda de sua fama. O poeta narra o talento de Lampião como improvisador de versos:

E Lampião no terreiro
enquanto se despedia
descrevia sua conduta
declamando em poesia.
Aqui abaixo eu traduzo
sem alterar o seu uso
nem a sua ortografia.

(Lampião, o Rei do Cangaço, Amores e Façanhas 29)

2.5.3. Um exemplo de proeza heróica: a travessia

A palavra "travessia" pode significar passagem ou viagem ou pode ter a conotação especial de feito heróico, a proeza nunca mais repetida. É nossa opinião que a palavra é utilizada nos dois sentidos em *Grande Sertão: Veredas* e que a sua compreensão intensifica a apreciação do romance. Na literatura de cordel, "travessia" se emprega para significar a passagem sobre-humana de um lugar isolado e perigoso. O deserto, ou terra árida, atravessado, é sempre associado a animais ferozes tais como a onça ou o touro brabo, que são capazes de atacar e matar o homem. O desafio à vida é aumentado pela carência d'água.

Não há dúvida de que João Guimarães Rosa projetou a travessia do Sussuarão para ser não só uma viagem difícil, mas uma prova de valentia de proporções heróicas. Mostra não só a coragem de Riobaldo, mas assinala o caminho para a luta final com Hermógenes, esta luta também uma travessia em certo sentido. E, está claro, Guimarães Rosa termina o romance com a palavra travessia em referência à luta do homem contra o diabo, se ele realmente existe. Assim é que a vida toda chega a ser uma travessia.

A semelhança nos motivos tanto do escritor culto quanto do escritor popular nos convence de que ambos escrevem sobre as mesmas qualidades de valentia necessárias para sobreviver no sertão.

GSV: Riobaldo fala de seus próprios motivos ao atravessar o Sussuarão:

O que na hora achei, foi que Diadorim estivesse me lembrando de Medeiro Vaz não ter conseguido cruzar a travessia do *raso*. Mas, Diadorim, também, não adivinhou meu espírito. Pois, por aquela conta, mesma, era que eu queria. Sobre o que eu era um homem, em sim, fantasia fora, tendo em nada aqueles perigos, capaz do caso. Para vencer vitória, aonde nenhum outro antes de mim tivesse. (381)

LdeC: José de Souza Leão, na fuga à perversidade do pai de sua amante, tem de sobreviver numa grande travessia:

Se montaram e depois
seguiram a mesma jornada
por um sertão esquisito
onde não tinha morada.
Andaram uma semana
e tigre sussuarana
vinha insultá-los na estrada.

Quase que morre de sede
no interior do sertão
numa grande travessia
na serra do Espigão.
Mas Deus o auxiliou
por felicidade achou
água em um caldeirão.

LdeC: O cangaceiro Lampião escapa das forças que o perseguem penetrando num deserto e fazendo uma grande travessia:

Depois de tudo meteu-se
no Raso da Catarina,
um deserto montanhoso,
aonde a fera assassina
só temia aos castigos
da natureza divina.

Pois o deserto media
vinte léguas de largura,
quarenta de comprimento,
sem fontes de água pura
lugar que fazia medo
entrar uma criatura.

(Os Cabras de Lampião 41)

2.6. O desafio maior: a presença e o conflito do bem e do mal no mundo

2.6.1. O bem e o mal

Uma das idéias básicas expressas pelos poetas da poesia popular brasileira é a existência dualista do bem e do mal no mundo, as forças contrárias da vida. Este pensamento, e ramificações dele, está presente em escala maior ou menor na literatura de cordel. Vê-se especificamente na luta entre bem e mal nos romances; no ciclo da religião que trata principalmente de Jesus, suas obras, os santos e o diabo; no ciclo do Padre Cícero, que é a figura messiânica do Ceará; no ciclo da moralidade e o “tempo de hoje em dia”, em que o poeta dá ênfase à luta entre o bem e o mal na constante mudança de costumes ou hábitos do povo e aos eventos admiráveis de hoje em dia; e no ciclo do valente, onde o bem enfrenta o mal e sempre vence.

É este conflito das forças do mal e do bem que João Guimarães Rosa escolheu para representar a essência da luta na vida. O conflito forma a base de *Grande Sertão: Veredas*, quer no sentido coletivo, como a missão de erradicar o mal do sertão, representado nas pessoas dos Judas, quer no sentido individual, expresso na luta de Riobaldo para superar suas dúvidas no que diz respeito à existência de Deus e do diabo, e na sua tentativa de dominar o que acha que é uma atração por Diadorim.

GSV: A dicotomia básica do bem e do mal é simbolizada pela presença de Deus e do diabo no mundo. Riobaldo explica seu ponto de vista:

O senhor não vê? O que não é Deus, é estado de demônio. Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver – a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo. (49)

LdeC: O poeta popular filosofa sobre o bem e o mal no mundo, as forças divinas e satânicas:

Duas correntes dominam
este globo terreal:
uma corrente é satânica
e a outra é divinal,
uma tem força do bem
e a outra força do mal.

(Emboscada na Serra 1)

LdeC: o poeta explica em termos populares a mesma idéia de Riobaldo:

Deus quando fez nosso mundo
nele só botou bondade,
mas o diabo perverso
com toda sua maldade
enxertou-lhe malifícios,
infâmia e perversidade.

(O Terror da Zona 1)

2.6.2. O pacto com o diabo

A questão do bem e do mal no romance se reflete na existência ou manifestação de Deus e do diabo. Por isso, é preciso que o diabo, ou um agente do diabo, um pactário, apareça no papel da força do mal na luta final no Paredão, que é o clímax do livro. Já é óbvio que Diadorim representa o bem.²⁰ Assim é que o pacto estende o alcance da luta, fazendo dela um combate verdadeiramente heróico. A genialidade de João Guimarães Rosa foi a expressão feliz do conceito da luta entre o bem e o mal por meio da idéia do cangaço tal como existe na mente do sertanejo: mediu-se a força do bem representada por Diadorim contra a essência do mal representada por outro jagunço, Hermógenes. Este tema também é um padrão tradicional na cultura popular brasileira, e o melhor exemplo dele é Lampião. Há muitos outros exemplos da presença do diabo na literatura de cordel, mas o caso de Lampião melhor expressa a crença popular que é recriada na pessoa de Hermógenes no romance.

É interessante notar que Lampião é louvado e também temido pelo povo. Às vezes, é visto como um chefe valente, líder de homens em busca da justiça. Mas, em outras ocasiões, é visto como a personificação do mal devido à carnificina que fez, e é, ainda, relacionado com o diabo em consequência do jeito inexplicável ou misterioso com que escapa das forças da justiça. Existe um poema que narra a assinatura do pacto de sangue, com a promessa de Lampião de deixar a religião.²¹

GSV: Riobaldo crê que Hermógenes realmente tem pacto com o Cão:

"O Hermógenes tem pautas. . ." Provei. Introduzi. Com ele ninguém podia? O Hermógenes – demônio. Sim só isto. Era ele mesmo. (40)

LdeC: A crença popular é vista nestes dois exemplos:

As forças se reuniram,
mudaram de posição,
prometendo o comandante
não cercar mais Lampião
porque jura com certeza
que ele tem pacto com o cão.

(Lampião na Bahia 16)

Isso porque no nordeste
Lampião era falado,
diziam ser invencível
e ter o corpo fechado
para punhal, faca e bala
e de cobra ser curado.

. . . Que tinha parte com Deus
e com o Diabo em seguida
ninguém não acreditava
que ele perdesse a vida,

nunca de "morte matada"
e sim de "morte morrida".

(*Os Cabras de Lampião* 62)

2.7. A mulher no papel de herói

2.7.1. Valentia, destreza e beleza

No ciclo do valente da literatura de cordel, o jovem herói tem que mostrar valentia extraordinária para superar o obstáculo (o pai da moça) que se opõe à corte e ao casamento.

Freqüentemente, a moça tem que ajudar o namorado e tem de ser igualmente valente. Tal é o caso da moça Petronilha em *O Heroísmo de Petronilha e as Bravuras de João de Deus*. No ciclo do cangaceiro, o caso mais conhecido da heroína valente é o de Santinha ou Maria Bonita, a amante de Lampião. Segundo os poetas populares, ela podia manejar o rifle e o revólver tão bem quanto a maior parte dos homens. Embora sua beleza e proezas fossem exageradas pelos poetas populares, ela se conformou ao padrão da mulher heróica do sertão. Em *Grande Sertão: Veredas*, a figura heróica é, naturalmente, Diadorim. Embora seja uma heroína disfarçada de homem, uma história já pesquisada e comentada por Proença, Ariano Suassuna e outros, ainda possui as características de valentia, destreza e beleza vistas nas heroínas da poesia popular.²²

GSV: Riobaldo lembra-se de Diadorim:

Guardei os olhos, meio momento, na beleza dele, guapo tão apostado – surgido sempre com o jaleco, que ele tirava nunca, e com as calças de vaqueiro, em couro de veado macho, curtido com aroeira-brava e campestre. (135)

LdeC: Uma semelhança notável existe entre a descrição anterior de Diadorim, os nomes atribuídos a Diadorim, outras características dela no romance, especialmente quando jovem, o Reinaldo do Rio São

Francisco, e a seguinte descrição de Lucelita, uma heroína da poesia da literatura de cordel:

Com 11 anos de idade
mostrava coragem e força;
tinha a bravura de um homem
e as feições de uma moça.
Os vizinhos só lhe chamavam
a bonequinha de louça.

Brilhavam igualmente o dia
ou uma lâmpada fluorescente
imitava a estrela Dalva,
a tarde pelo poente
ou a lua prateada,
a noite pelo nascente.

. . . Usava calça comprida,
revólve com cartucheira,
um cavalo Russo pombo.
Era disposta e ligeira,
derribava barbatão
no mato por brincadeira.

(História de Lucelita, a Filha do Vaqueiro Valente 3, 4)

Repetimos que não queremos dizer que *Grande Sertão: Veredas* seja imitação, direta ou indireta, da literatura de cordel, mas, sim, que um e outra expressam uma realidade em comum, refletida nos temas do romance e dos ciclos heróicos da literatura de cordel.

2.7.2. A mulher vingadora

A vingadora é menos comum que o vingador na literatura de cordel, mas é importante na poesia. O papel se encontra tanto na poesia oral como na escrita no Nordeste. Exemplos são o romance, já mencionado, *A Donzela que Foi à Guerra*, a situação angustiosa da viúva que tem que vingar a morte cruel do

marido, ou a filha única que tem que fazer o papel do filho vingador – estes dois últimos tirados da poesia popular. O caso de Diadorim também cabe nessa última categoria.

GSV: Riobaldo descreve o motivo de Diadorim ficar na vida de jagunço e perseguir inexoravelmente Hermógenes:

Até que viesse a poder vingar o histórico de seu pai, ele tresvariava. /. . ./ Diadorim só falava nos extremos do assunto. Matar, matar, sangue manda sangue. (26)

LdC: O poeta conta da viúva que tem de vingar a morte do marido:

Ela havia herdado o dom
do esposo falecido
sobre os pés de Lampião,
ladrão covarde e bandido,
e ela jurou vingar
a morte do bom marido.

(O Valente Tigre Preto e a Velha Treme Terra 1)

3. Conclusão

O objeto deste ensaio foi mostrar a fusão da cultura popular à cultura erudita de João Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*. Os mesmos temas folclóricos e crenças populares que constituem o ciclo heróico da literatura de cordel se expressam de modo artístico no romance. As duas obras, a primeira, culto-inovadora, a segunda, folclórico-popular, são tiradas da mesma realidade. João Guimarães Rosa absorveu e recriou temas partilhados com a cultura popular. Por isso, o espírito heróico da personagem aculturada ao sertão do Brasil, constante nos ciclos do cangaceiro e do valente da literatura de cordel, está presente no jagunço de *Grande Sertão: Veredas*. Além disso, a personificação de noções abstratas, como o bem e o mal ou

a essência da vida, está presente no romance e na poesia popular. Daí, um estudo comparativo do romance e da poesia popular demonstra um aspecto importante da cultura brasileira do século XX: a aparição da cultura do povo na literatura brasileira. Também mostra a unidade cultural do mesmo Brasil.

Depois deste exame dos textos, é possível ver o escritor João Guimarães Rosa com maior amplitude. Seu talento na expressão lingüística é mais apreciado quando se percebe a riqueza da temática contida na expressão literária. João Guimarães Rosa foi um artista extraordinário, mas foi agraciado com matérias ricas com que fazer sua obra-prima.

NOTAS

¹ Um crítico que escreveu uma obra pioneira sobre esse aspecto foi Manuel Cavalcanti Proença, "Trilhas do Grande Sertão", In: -. *Augusto dos Anjos e Outros Ensaios* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1959), p. 161-176.

² Wilson Martins em sua introdução a Mary L. Daniel, *João Guimarães Rosa: Travessia Literária* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1968), p. XX.

³ Proença, *op. cit.*, p. 159.

⁴ Otoniel Santos Pereira, "Guimarães Rosa segundo Terceiros", *Realidade*, São Paulo, s.d., p. 63.

⁵ *Id.*, p. 61.

⁶ *Ibid.*

⁷ *Ibid.*

⁸ *Ibid.*

⁹ J. Guimarães Rosa. *Grande Sertão: Veredas*. 6. ed. (Rio de Janeiro: José Olympio, 1968).

¹⁰ Ver Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e Cantadores*. (Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968), p. 122.

¹¹ Cascudo, *Flor dos Romances Trágicos*. (Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966), p. 17.

¹² *Id.*, p. 126.

¹³ *Id.*, p. 117.

¹⁴ Para mais informações sobre a influência desse livro no sertão, ver Cascudo, *Cinco Livros do Povo* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1953), p. 441-448.

¹⁵ Essas características representam um resumo das que se encontram nos folhetos e romances de Antônio Silvino e Lampião da literatura de cordel.

¹⁶ O amor homossexual está esporadicamente no ciclo da moralidade e "o tempo de hoje em dia" na poesia popular do cordel, mas o contexto é completamente diferente e não tem nada da nobreza do tratamento delicado do romance de Guimarães Rosa. Antes, é assunto criticado, satirizado e convertido em piada vulgar. Este autor não encontrou nenhum exemplo de relação tal como em GSV nos romances de valentia no cordel, fato que em um sentido dá mais valor à criatividade de Guimarães Rosa. M. Cavalcanti Proença trata cuidadosamente desse assunto em seu estudo, p. 173-176.

¹⁷ Veja-se Cascudo, *Vaqueiros e Cantadores*, p. 129-130.

¹⁸ Nada mais claro para provar isto do que o conto seminal do mesmo autor, "A Hora e Vez de Augusto Matraga", de *Sagarana*, quando a luta a faca realmente se converte em duelo moral.

¹⁹ Veja-se Rodrigues de Carvalho, *Cancioneiro do Norte*, 2. ed., Paraíba, 1928.

²⁰ Veja-se Proença, p. 173-176.

²¹ Veja-se "O Marco de Lampião", em *O Baile das Quatro Artes*, de Mário de Andrade, São Paulo, s.d.

²² Para maiores informações sobre este tema dos romances orais e o poema *A Donzela que Foi à Guerra*, veja-se o estudo de Proença, um estudo de Ariano Suassuna com o título "Encantação de Guimarães Rosa", *Estudos Universitários*, Recife, 1967, e consulte-se Pereira da Costa, *Folclore Pernambucano*, Rio de Janeiro, 1968.